



GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -
 Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos
 (Universidade Federal de Pernambuco) -
 Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

Crete também é cidadão: os evangélicos e a constituição ética de si na relação com o político

Autoria: Cleonardo Gil de Barros Mauricio Junior

Este work tem como objetivo compreender a forma como jovens crentes pentecostais constituem a si mesmos como sujeitos éticos diante de um código moral, compartilhado por sua comunidade de fé, que exige dos fiéis uma conduta diligente e inequívoca na esfera pública a respeito de temas como o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Na esteira de eventos que tem colocado em rota de colisão as igrejas pentecostais e os movimentos sociais, pastores como Silas Malafaia têm exortado os evangélicos a se posicionarem a respeito de temas que se contraponham à moral cristã em seus locais de work, estudo, em sua vizinhança, etc. 'Crete também é cidadão', repete Malafaia, e por isso não deve hesitar em se posicionar. Como os crentes ordinários têm assumido, então, esse dever moral de participarem de debates políticos em suas vidas cotidianas? Meu principal interesse é compreender como eles e elas têm atrelado essa moral baseada em um posicionamento político diligente a uma ética do testemunho, ou seja, a uma postura proselitista que tenta convencer quem está ao seu alcance a tornar-se também evangélico. 'Falar de Jesus' para os seus colegas de universidade ou work parece exigir uma postura de acolhimento, diferente da prontidão para o confronto requerida em um debate onde o tópico levantado seja, por exemplo, a descriminalização das drogas. Como os evangélicos negociam e julgam sua constituição como cristãos em meio a essas posturas aparentemente divergentes? Meus dados baseiam-se em work de campo realizado na sede nacional da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, a igreja do pastor Silas Malafaia, no bairro da Penha, no Rio de Janeiro. Os jovens de sua igreja criaram o Universe, grupo formado para discutir os obstáculos enfrentados pelos evangélicos para vivenciar a plenitude da vida cristã na universidade. Os jovens crentes universitários reuniam-se para discutir qual a melhor postura nos momentos de discussão de temas chave na universidade, bem como investiam tempo em aprender os melhores argumentos a serem utilizados nessas ocasiões. Intrigantemente, não usar a bíblia, mas argumentos científicos era a principal estratégia veiculada.



Alternar a gramática dos argumentos do registro bíblico para o científico, portanto, tornou-se uma das virtudes indispensáveis à vida cristã plena. Como, então, a constituição de um sujeito religioso informa o exercício de uma cidadania política (ou de uma ética pública)? É, portanto, com essa pergunta em mente, e a partir de minha observação participante nas reuniões do Universe, como também com as entrevistas em profundidade realizadas com seus membros, que pretendo trazer minhas contribuições para o debate a respeito da relação entre pentecostalismo e esfera pública no Brasil.



Realização:



Apoio:



Organização:

